

O que a ciência Guarani Mbya ensina ao juruá? Reflexões a partir de uma vivência na Aldeia Indígena *Ara Hovy*, em Maricá (RJ)

Daniel Ganzarolli Martins

Universidade Federal Fluminense

Email: danielgmk9@gmail.com

Shaula Maíra Vicentini de Sampaio

Universidade Federal Fluminense

Email: shaula.maira@gmail.com

Resumo

Essa pesquisa se movimenta na possibilidade das alianças afetivas, usando termo de Ailton Krenak, entre um professor de Ciências juruá – palavra que designa os não indígenas na língua guarani – e a comunidade indígena Guarani Mbya da Aldeia *Ara Hovy*, situada no município de Maricá (RJ). Após ser firmada uma parceria com essa comunidade, realiza-se num diário de campo uma escrita acerca desse encontro entre educações juruás e guaranis, em especial para o ensino de ciências. Com base nas reflexões de uma vivência aberta realizada nessa aldeia, discutimos como os entrelaçamentos com o *Nhande reko* – O “modo de ser” do povo Guarani – e os seres que habitam a *Nhe'êry* – palavra que designa o bioma da Mata Atlântica e significa “fonte da alma e da espiritualidade” – são potentes na elaboração de um ensino de ciências decolonial e aberto às diferenças e multiplicidades.

Palavras chave: povos indígenas, ensino de ciências, decolonialidade, guarani mbya.

Abstract

This research reflects over the possibility of affective alliances, using Ailton Krenak's term, between a Juruá Science teacher – a word that designates non-indigenous people in the Guarani language – and the Guarani Mbya indigenous community of Aldeia Ara Hovy, located in the municipality of Maricá (RJ). After establishing a partnership with this community, a field diary is written about this encounter between Juruá and Guarani education, especially for science teaching. Based on the reflections of an open experience carried out in this village, we discuss how the intertwining with the *Nhande reko* – The “way of being” of the Guarani people – and the beings that inhabit the *Nhe'êry* – a word that designates the Atlantic Forest biome and means “source of soul and spirituality” – are potent in the elaboration of a decolonial science teaching that is open to differences and multiplicities.

Key words: indigenous peoples, science teaching, decoloniality, guarani mbya.

(Des)Encantamentos no Ensino de Ciências

O navio, pois bem, grande canoa da morte. Pessoas, plantas, bichos, macacos, kdiziba, tatus, gooi, tamanduás, heehi e, ainda, os desencantados. Como chamá-los? Iñe-e pudera observar ainda em terra os cientistas em seu trabalho de desencantamento. E logo percebera que não se tratava apenas de matar o bicho. Era outra atividade. Primeiro, levavam sua alma para a pele do papel em tão perfeita conformidade que seria possível dizer que o bicho rastejaria, caso fosse cobra, ou voaria, caso fosse pássaro, para fora daquele frágil limite. Depois, o desencantamento prosseguia. E morrer era só uma parte muito pequena daquilo tudo. O bicho, o bicho mesmo, em força e sangue, era tornado em nada depois que tudo se dava por encerrado. Morto e destripado, o bicho era limpo, sendo raspada da pele a carne já desprovida de poder, e o corpo esvaziado de tudo o que tinha sido um dia, restando um saco mole e triste, que depois seria reconstruído com palha ou qualquer tipo de enchimento que servisse, recebendo, pouco a pouco, a antiga forma, sendo assoprada nele aquela outra cara, aquele outro corpo, aquela boca que, aberta, não mais comeria; que, fechada, não mais abriria: e era daí que surgiria o novo bicho, o outro bicho, muitas vezes inventando um movimento que nunca poderia terminar, endurecido numa posição, salto ou bote que a partir daquele momento jamais poderia se extinguir. Aos olhos de Iñe-e o desencantamento era uma coisa verdadeiramente assombrosa.

Que vida a deles, a dos Desencantados! (VERUNSCHK, 2021, p. 12)

Como sucede na narrativa do livro “O som do rugido da onda”, de Micheline Verunsch (2021), a menina indígena de nome Iñe’e, do povo amazônico Miraña, prosseguiria também no que chamaríamos de uma “viagem de desencantamento”. Tal escrita ficcional é baseada em fatos historiográficos reais do século XIX, sendo que Iñe’e e um menino do povo Juri são raptados – se poderia dizer coletados como se fossem plantas ou animais? – pelos naturalistas alemães Johann Baptist Von Spix e Karl Friedrich Philipp Von Martius ao explorarem as terras brasileiras. Apesar desses cientistas se questionarem sobre suas ações em determinados momentos da narrativa, não deixaram de representar a força colonizadora do “projeto civilizatório”, assumida frontalmente pelo discurso científico, ignorando qualquer direito básico aos povos indígenas que habitavam as terras brasileiras. Coletaram e levaram de navio o que entendiam por “natureza” – também representada nas crianças indígenas que tiveram sua humanidade negada –, para ser exibida como algo pitoresco vindo dos trópicos nas cortes palacianas da Europa.

Tendo como base o ponto de vista dos autores desse artigo, que pesquisam e trabalham com o campo do ensino de Ciências, como ensinar e pensar uma ciência que não seja uma gigantesca máquina/fábrica de “desencantamento”? Como não reencenar o colonizador nessas relações com o outro? No romance citado, a menina Iñe’e consegue ouvir e se comunicar com diferentes seres não humanos e, já em terras europeias, ela dialoga com um rio, que lhe conta as histórias de uma região que é muito distante e diferente da sua. Que ciência é essa que tal criança indígena produz no seu movimento de sensibilidade e atenção? Moraes *et al.* (2021) apresentam outras ciências, que habitam as fissuras e insistem em resistir ao desencantamento:

De que forma o impulso das lutas interrogam a catástrofe hoje e quanto ainda somos capazes de sustentá-las? Quais imaginações de transformação revolucionária podemos voltar a cultivar quando tomamos essa nova escala que se abre entre nossos corpos e o planeta? Como insistir na cumplicidade

entre ciências e lutas permitindo um conhecimento povoado de mundos, diferenças e relações? Uma ciência repleta de poros, contrabandos e especulações que não autorizem, mas favoreçam os possíveis. (MORAES *et al.*, 2021)

Rufino *et al.* (2020) enfatizam que há um contínuo do processo de colonização e ele se materializa numa multiplicidade de frentes. Não é, portanto, um fenômeno datado, que teve fim com a independência das colônias frente às metrópoles europeias. Os autores destacam como a colonização se instaurou como um fenômeno violento contra outras cosmologias e princípios explicativos de mundo, estabelecendo uma dinâmica bélica contra populações indígenas, quilombolas e camponesas. As narrativas totalizantes promovem o que eles nomeiam “desencantamento do mundo”. O desencantamento traduz a lógica da escassez, do silenciamento e do esquecimento. Uma possível alternativa se encontra no que nomeiam de “Terreexistência”, que promove uma política e uma poética descolonial, a qual vibra na diversidade de formas de sentir, fazer, imaginar. Como os autores complementam: “a descolonização é uma frente de luta que implica ações, ou seja, se revela como uma problemática pedagógica” (RUFINO *et al.*, 2020, p. 5).

Scanavaca (2020), através do seu envolvimento com a luta pela terra na aldeia indígena do Morro dos Cavalos, em Palhoça (SC), traz uma contribuição potente no sentido de “guaranizar” a educação em ciências. A autora constantemente apresenta seu dilema de possível apropriação das vozes e ações de povos indígenas para mérito de uma branquitude acadêmica, um desconforto que também compartilhamos. Em determinado momento, ela se posiciona como “uma pessoa branca que se coloca junto a um povo indígena, não para estudá-los como uma lógica de objeto de pesquisa da ciência moderna, mas que questiona essa lógica e que se coloca para contribuir e aprender junto a uma comunidade Guarani” (SCANAVACA, 2020, p. 50).

Através da ficção, Scanavaca (2020) coloca a possibilidade de outras educações em ciências, que consideram a riqueza da cultura guarani dentro do espaço da escola, seja através do seu conhecimento aprofundado sobre a biodiversidade da Mata Atlântica, ou nos saberes astronômicos das constelações como a do *maino'i* (beija-flor) e do *guaxuvira* (veado). Uma ciência que é capaz de trazer a energia da dança/luta do *xondaro*¹ para a sala de aula. A autora coloca a dificuldade de mudança *do que é e como é* ensinado, principalmente na perspectiva da educação juruá (palavra em guarani que designa os não indígenas) feita nas escolas.

O mesmo fenômeno observado na natureza é compreendido de formas distintas pelas ciências guarani mbya e a juruá/ocidental. Enquanto uma tempestade elétrica é entendida como um desequilíbrio de cargas elétricas na atmosfera na ciência juruá, para os Guarani Mbya as tempestades são momento de se ficar em silêncio, sentado e fumando o cachimbo, em respeito às entidades Tupã que estão caminhando (PEREIRA, 2017). O momento em que os raios caem é também um processo de purificação da terra, de imenso respeito. Scanavaca (2020), tendo como base um relato da liderança guarani Kerexu Yxapyry, menciona que determinadas alterações no ambiente, como a construção de antenas para-raios e de grandes usinas, interferem no processo de curar os males e fluxos ruins que estão na terra. Um outro exemplo é o entendimento sobre o sol, Kuaray em guarani, que tem vida para a ciência guarani e é um personagem extremamente importante da sua cosmologia e cosmogonia (LITAIFF, 2018). Como a ciência juruá não considera o sol um ser vivente, qual é o papel da escola e do ensino

¹ Santos (2017) faz uma discussão aprofundada sobre o *xondaro*, articulando cosmologia e luta política com o movimento da dança, luta e esquivas característicos dele.

de ciências nessas questões? Como se dá o diálogo e/ou confronto entre essas diferentes perspectivas?

Moraes *et al.* (2021) falam da importância de se pensar rupturas com as lógicas modernas, antropocêntricas e desenvolvimentistas. As lutas indígenas, seja na floresta ou na cidade, estão imbricadas nesse movimento, onde são criadas formas de se “suspender o tempo em que vivemos para pensar tempos possíveis que emergem das lutas do passado e abrem os caminhos para outras imaginações no presente. Fugitividades” (MORAES *et al.*, 2021, n.p.). Como colocam esses autores:

Como seria pensar o território guarani como território de confluências entre pensamento e luta? Jera especula sobre uma ciência da terra que possa reverter a tradicional divisão colonial do trabalho de pesquisa, na qual os brancos que estudam os índios, para experimentar uma outra: um território atlântico composto pelos seus viventes em relação, pensando o mundo dos brancos em colapso. Nesse território, não é mais possível sustentar a grande divisão entre a ciência e a luta, o corpo e o conhecimento, o humano e a “natureza”. (MORAES *et al.*, 2021, n.p.)

Essa pesquisa não tem por objetivo enquadrar o “ensino de ciências” ou a “educação” a serem feitos de forma correta ou errada, seja num contexto indígena ou jurua. Não cabe a nós, “estrangeiros” jurua, afirmar o que os indígenas deveriam ou não ensinar e aprender.

O desejo que movimenta essa investigação está na potência dos encontros possíveis entre a educação feita pelos jurua – os não indígenas – e as outras formas de ciência e de compreensão do mundo do povo Guarani. Busca-se um movimento onde, mesmo que certamente nunca desapareçam certas fronteiras, exista uma abertura de contato com o outro, com suas diferenças. Relações que desestabilizem nossas certezas de perceber o mundo, potencializando pedagogias que possam se estabelecer entre indígenas e não indígenas.

A presente pesquisa se movimenta também na possibilidade de criação e manutenção de alianças afetivas, usando o termo de Ailton Krenak (2015, p. 250). Ascenso (2021), ao analisar a vasta obra deste intelectual indígena, coloca como essas alianças abarcam mundos humanos e não humanos, constituindo “relações que não se esgotam, que se perpetuam eternamente, seja com os mundos que convencionamos chamar de natureza, seja com os mundos que convencionamos chamar de sociedade” (ASCENSO, 2021, p. 87). No sentido de podermos contar mais uma história e assim adiarmos mais um “fim do mundo”, devemos investir nas alianças afetivas que garantam não somente a existência física dos povos indígenas, “mas a sua existência completa, seus cantos, suas danças, suas histórias, suas relações não utilitárias com o mundo” (ASCENSO, 2021, p. 91).

Como Krenak demarca numa das suas entrevistas:

As possibilidades de aliança não se dão só no plano das relações sociopolíticas, no plano das ideias, no que é possível estabelecer de colaboração entre uma nação e outra, entre uma sociedade e outra. Quando eu vou a um riacho, a uma fonte, a uma nascente e sinto beleza e fico comovido com a água que está naquela fonte, naquela nascente, eu estabeleço uma relação com ela, converso com ela, eu me lavo nela, bebo aquela água e crio uma comunicação com aquela entidade água que, para mim, é uma dádiva maravilhosa, que me conecta com outras possibilidades de relação com as pedras, com as montanhas, com as florestas (...). As relações não são percebidas como potência que ocorre só entre pessoas, no sentido comum em

que nós entendemos as pessoas, as relações humanas, as relações sociais. Elas são alianças com muitas outras potências que estão dadas, que são possíveis. O raio, a chuva, o vento, o sol, a brisa, as paisagens. Aliança é troca com todas as possibilidades, sem nenhuma limitação.

Dessa forma, o objetivo desse artigo envolve adentrar o “entre-mundo” dessas relações entre jurua e guarani, potencializando outras formas de se pensar e realizar a educação, em particular no campo do ensino de ciências. Um movimento de encontro que se disponha a decolonizar relações, como também propiciar aprendizados e afetações positivas. Como tais encontros podem nos afetar e nos fazer pensar outros modos de se pensar a educação? Que tipo de alianças afetivas são possíveis de serem firmadas?

O contexto da Aldeia Ara Hovy

Esta pesquisa se efetua em Maricá (RJ), que é um município da região metropolitana do Rio de Janeiro conhecido pela presença de suas duas aldeias indígenas da etnia Guarani Mbya. São elas a *Tekoa Ara Hovy* (Aldeia Céu Azul) que se encontra no distrito de Itaipuaçu, quase limite com o município de Niterói, e a *Tekoa Ka'aguy Ovy Porã* (Aldeia Mata Verde Bonita), localizada no bairro de São José do Imbassaí, como apresentado na figura 1 abaixo:

Figura 1. Localização das aldeias Guarani Mbya de Maricá num mapa da zona metropolitana do Rio de Janeiro. No marcador azul está a *Tekoa Ara Hovy* (Aldeia Céu Azul), em verde a *Tekoa Ka'aguy Ovy Porã* (Aldeia Mata Verde Bonita) e em vermelho a futura *Tekoa Yakã Mirim* (Aldeia Pequeno Rio), que somente irá se constituir após a planejada mudança de território dos habitantes da Aldeia Céu Azul.



Fonte: Imagem editada a partir de figura do documento síntese da revisão do Plano Diretor de Maricá, concluído no ano de 2020².

A noção de território é muito cara aos Guarani. Apesar de essas aldeias terem se firmado há relativamente pouco tempo em Maricá, o deslocamento entre distintos territórios não é algo estranho para os Guarani. Muitos indivíduos visitam num fluxo frequente as aldeias de parentes, fazendo longas caminhadas pelo amplo território da *yvy rupa*, que abrange o cone sul da América do Sul, incluindo também países como Argentina, Paraguai, Bolívia e Uruguai. Todavia, a ideia de que seja um povo nômade foi problematizada por autores como Ladeira

² Documento disponível pelo seguinte link: <https://www.marica.rj.gov.br/plano-diretor/documentos/>. Acesso no dia 07/08/2022.



(2007): “A noção de terra está, pois, inserida no conceito mais amplo de território que sabidamente pelo Mbya se insere num contexto histórico (mítico) cíclico, e portanto infinito, pois ele é o próprio mundo Mbya” (LADEIRA, 2014, p.67). O adjetivo “nômades” talvez não se adeque exatamente para os Guarani, pois sua mobilidade se insere dentro de uma “totalidade cosmológica” e se dá nos limites de uma territorialidade, mesmo que esfacelada por mais de 500 anos de colonização (BERGAMASCHI, 2007).

A história da criação da Aldeia *Ara Hovy* reflete a busca por um território que reúna as condições ideais de vida, ou seja, a possibilidade de praticar o *Nhande reko* (“Nosso modo de viver”) na perspectiva guarani. É resultado também da iniciativa do cineasta e professor guarani, Alberto Alvares, que devido às numerosas atividades e redes nas quais está inserido, conseguiu que dois indigenistas doassem uma terra de sua propriedade em Itaipuaçu para ele. Assim, no ano de 2013, Alberto recebeu através de doação uma terra de 34 hectares localizada no bairro do Morada das Águias, do distrito de Itaipuaçu, em Maricá. Ao receber essa terra, ele a repassou para uma família extensa liderada pelo cacique Seu Félix, que anteriormente viveu no Espírito Santo, que estava à procura de um território onde morar com a sua família. Seu grupo familiar já havia circulados por muitos outros territórios antes, como Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, sempre na busca do Bem Viver na percepção guarani. Atualmente, a terra tem o documento de doação em nome desse grupo, fazendo do lugar um local aberto para os Guarani, já que novas famílias, provenientes de outras regiões do sul e sudeste do país, se agregaram. Em julho de 2022, vivem lá 9 famílias e um total de 37 pessoas, entre adultos, jovens, crianças e bebês.

Uma problemática muito grande na Aldeia Céu Azul é a impossibilidade de poder realizar plantios numa escala maior. Apesar de estar numa área particular que foi doada à comunidade indígena, o Parque Estadual da Serra da Tiririca se expandiu sobre tal território, e por ser uma área de proteção integral, é vetada a derrubada de vegetação nativa para o plantio. Cabe destacar que o plantio, especialmente do milho e da mandioca, é de fundamental importância para a segurança alimentar na concepção guarani e também para a realização de rituais, pois devem contar com sementes e plantas de “milho verdadeiro” (não transgênico). Assim, impedidos de exercer sua soberania alimentar, os Guarani da Aldeia *Ara Hovy* dependem da venda de artesanato para a compra de alimentos, que costumam ser industrializados. A merenda escolar também constitui uma parte importante da alimentação para as crianças da aldeia e os funcionários indígenas da escola.

O contato inicial do primeiro autor com tais aldeias ocorreu em eventos pontuais abertos para visitantes não indígenas, ainda no ano de 2019. Ambas comunidades costumam organizar eventos de vivência dentro dos seus territórios, cobrando um valor justo pela experiência. Durante o dia são normalmente ministradas oficinas de língua guarani e jogos tradicionais, é contada a história de cada uma das comunidades, além de serem preparados e servidos alimentos típicos da cultura guarani. É também um momento importante para a venda de artesanato e a entrada de uma fonte de renda para as famílias indígenas. Entretanto, a realização desses eventos foi subitamente interrompida com a irrupção da pandemia de COVID-19.

A pandemia inviabilizou qualquer retomada de contato presencial dos pesquisadores com as aldeias no ano de 2020 e na maior parte de 2021. Durante esse período difícil, foram feitas campanhas de arrecadação de fundos e materiais para as comunidades. A vacinação em massa contra a COVID-19, que ocorreu a partir do ano de 2021 no Brasil, possibilitou em 2022 o retorno presencial às comunidades guaranis de Maricá.

No ano de 2022, a comunidade ficou extremamente envolvida com a questão de se mudar para

um novo território no Espriado, uma outra região de Maricá onde há um rio e terra para plantar, numa articulação política junto à prefeitura, em especial com a Secretaria de Participação Popular, Direitos Humanos e Mulher. Esse território tem nome e se chamará *Yakã Mirim*, que pode ser traduzido como “pequeno rio” ou “rio sagrado”.

A principal forma de entrada e de interação contínua com a aldeia *Ara Hovy* ocorreu pela educação formal realizada na sua escola indígena, junto às crianças que frequentam esse espaço, mas também os professores e as diretoras que trabalham nela. Após a construção de uma parceria com a escola indígena, que envolveu o acompanhamento e a participação das aulas que nelas ocorriam, num momento posterior, foi possível também auxiliar na preparação e organização de eventos recentemente realizados que eram abertos para a comunidade não indígena.

A Escola Indígena Guarani *Kyringue Arandua*, localizada na aldeia *Ara Hovy*, significa “A sabedoria das crianças” em língua Guarani. Ela existe desde o ano de 2013, mas os primeiros anos da escola foram desafiadores, pois as aulas eram apenas ao ar livre; não havia estrutura física para as aulas nos dias de chuva e durante condições temporais adversas. No ano de 2015, houve uma formalização maior da escola frente à Secretaria de Educação de Maricá. Somente em 2016 foi construído o prédio escolar. No ano de 2022 essa escola estava sob risco de ser fechada, devido ao fato de atender apenas 5 estudantes, que posteriormente se tornaram 6 devido ao retorno de um deles à comunidade, pois ele passou um período em outra aldeia guarani no Estado do Rio Grande do Sul. Essas crianças estavam no 3º, 4º e 5º ano, sendo que a única turma que havia no momento era multisseriada, e as idades dos jovens variavam de 7 a 14 anos. Por demanda da própria comunidade, a escola não foi fechada e o pedido felizmente foi acatado pela Secretaria de Educação de Maricá. Como a aldeia tem atualmente muitos bebês e crianças pequenas, mas não há a demanda de educação infantil, o futuro da escola deve estar assegurado para os próximos anos. Foi dito pela equipe da escola que os pais e mães dessa comunidade preferem que as crianças pequenas tenham mais contato com suas famílias e com a língua guarani nesses primeiros anos de vida, e por isso optaram inicialmente por não haver educação infantil na escola.

A equipe pedagógica em 2022 é composta pela diretora Maiza Freire, a professora Martinha Mendonça, a professora de educação física Paula Vidal, o mediador cultural/professor de língua e cultura guarani Vanderlei da Silva, a orientadora pedagógica Jacqueline Santos, a secretaria escolar Neuza e a merendeira Isolda Brisuela.

Ao longo da pesquisa, a construção de um diário de campo foi essencial nesse processo de interação com a multiplicidade de sujeitos presentes nas aldeias guarani. Medrado *et al.* (2014) propõem a ruptura do binarismo sujeito-objeto na escrita do diário, sugerindo que o próprio diário é um personagem atuante na elaboração e potencialização da pesquisa. O diário não é algo inanimado, que registra somente informações, mas sim um ser que movimenta afetos e gera intensidades. É nele em que o pesquisador expõe: “suas opiniões, impressões, incômodos, enfim as “afetações” produzidas no encontro com os interlocutores” (MEDRADO *et al.*, 2014, p. 285). É um “arquivo-vivo” a ser escrito, lido e reelaborado, por isso consideramos importante revisitá-lo e reescrevê-lo em momentos posteriores, justamente devido a sua organicidade. Como os autores antes citados apresentam, a forma que tal material foi analisado e interpretado envolveu uma relação imbricada com o fluxo de acontecimentos no campo, de forma que sua escrita nos convidasse a refletir e ressignificar as questões de pesquisa. Cabe destacar que essa relação com o diário “é mais do que uma forma de “atualizar” ou “representar” graficamente uma experiência. É, sim, a inauguração de outra(s)” (MEDRADO *et al.*, 2013, p. 281).

A seção a seguir irá apresentar as reflexões elaboradas a partir de um trecho desse diário de campo.

O encontro com a *Nhe'êry*

Esta terra que pisamos é o nosso irmão. Por isso que a terra tem algumas condições e por isso que o Guarani respeita a terra, que é também um Guarani. O Guarani não polui a água, pois é o sangue de um Karaí. Esta terra tem vida, só que nós não sabemos. É uma pessoa, tem alma — é o Karaí. A mata, por exemplo, quando um Guarani vai cortar uma árvore pede licença, pois sabe que é uma pessoa que se transformou neste mundo. Esta terra aqui é nosso parente, mas uma pessoa acima de nós. Por isso falamos para as crianças não brincarem com a terra, porque ela foi um Karaí e até hoje ela se movimenta, só que nós não percebemos. Por isso quando os parentes morrem, a carne e o corpo se misturam com a terra. Por isso que temos que respeitar esta terra e este mundo que a gente vive. (ACOSTA GUARANI, 2007, p. 48)

Uma das palavras mais belas que aprendemos na língua guarani é a que designa a Mata Atlântica, tal como me foi explicado pelo Prof. Leandro Kuaray³. *Nhe'êry* significa literalmente “fonte da alma e da espiritualidade”. Outra tradução que foi usada por ele é “fluido da vida”. Diferencia-se da palavra *Ka'aguy*, que também designa a mata, mas esse professor conta que *Nhe'êry* engloba também outros aspectos que não são apenas as árvores visíveis, mas inclui toda a fonte de vida que vem da floresta e dos diferentes seres que a habitam. Carlos Papá Guarani diz que *Nhe'êry* não é exatamente a Mata Atlântica em si, mas um “local onde os espíritos se banham”, tal como os anciões explicavam. É um lugar de respeito e que os Guarani precisam estar sempre em diálogo, pois o *Nhe'êry* guia uma luz no caminhar do *Teko Porã* (Bem viver)⁴.

Ao longo da vivência junto à aldeia, foi necessário estar atento aos “muitos outros” que se faziam presentes nesses espaços. Animais, plantas, minerais, os espíritos-donos (- *Já*), que atuam como guardiões de diferentes elementos naturais.

Foi possível refletir acerca desse tema no seguinte trecho do diário de campo do primeiro autor. Para os fins desse artigo, optamos por trazer apenas algumas reflexões vindas dessa vivência realizada na Aldeia no dia 09/07/2022 para visitantes não indígenas, como forma de arrecadar fundos para a comunidade.

Houve muitos dias de preparo e articulação para que acontecesse esse evento organizado numa parceria conjunta entre a comunidade guarani da Aldeia *Ara Hovy* e a escola *Kyringue Arandua*, principalmente nas figuras da Professora Martinha e da diretora Maiza. Vanderlei também foi fundamental, já que ele está presente nos dois espaços, pois é tanto professor da escola e pai de dois alunos, quanto é morador e liderança desta comunidade guarani. Um dos principais objetivos do evento era arrecadar recursos financeiros para a contratação de um pajé que iria realizar um ritual de cura para a comunidade, focado em especial na figura do Seu Félix, que se encontra fragilizado com as

³ Informação obtida por uma aula de língua e cultura guarani oferecida pelo Programa de Línguas Estrangeiras Modernas da Universidade Federal Fluminense do dia 17/08/2022.

⁴ Fala documentada em vídeo para o curso “Selvagem: Estudos sobre a vida”. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=uGhezj9TOog>. Acesso no dia 14/11/2022.

perdas familiares recentes. Felizmente, o dia estava bastante ensolarado, pois se chovesse tudo teria que ser adiado.

Eu também me comprometi em ajudá-los na elaboração de uma lista de pagamento das inscrições, ajudar na divulgação e, no dia anterior, auxiliar na compra dos muitos itens que seriam necessários para que a vivência ocorresse, desde os alimentos que seriam consumidos, até descartáveis como pratos, talheres e copos. (...) Cheguei aproximadamente às 9:00 na aldeia. Já haviam chegado alguns visitantes que visitavam pela primeira vez a aldeia. A divulgação do evento chegou em muitos lugares diferentes, desde colegas meus do doutorado e do meu trabalho na escola, amigos, familiares e também moradores do bairro que ficaram sabendo do evento. Compareceram crianças pequenas e idosos, pessoas de muitos lugares e trajetórias diferentes. A listagem tinha originalmente 81 pessoas, mas foram sendo agregadas muitas outras ao longo do dia; calculamos que possam ter vindo por volta de 100 pessoas. (...) As pessoas foram se agrupando na parte mais elevada da aldeia, no que chamarei aqui de “anfiteatro-floresta”; é preciso fôlego e energia para subir a trilha que chega até essa área. (...) Havia muitas tangerinas, pedaços de melancia, chipá quentinho (comida típica guarani que lembra a massa de um pastel), bananas, chá de capim-limão e café sendo servidos no desjejum coletivo. Fiquei sabendo depois que esse capim limão foi colhido na outra aldeia no dia anterior. (...) Depois, as pessoas se separaram entre diferentes vivências e atividades: confecção de artesanatos e acessórios com miçangas, preparação de comida típica, pintura corporal com jenipapo, atirar com o arco e flecha e preparação de armadilhas para bichos.

Dentre tantas atividades instigantes, envolvi-me com a preparação coletiva das comidas típicas guarani, dentre elas o *ka'i repoti*, que pode ser traduzido pelo nome curioso de “cocô de macaco”, devido ao formato que tem quando está pronto. Na realidade, ele é feito a partir do milho verde ralado, até formar uma “papa”, que depois é inserida em finos pedaços ocos de bambu. Esse bambu com milho dentro é depois assado numa fogueira, sendo uma comida típica muito apreciada, em especial, pelas crianças. Ajudei no processo de ralar o milho verde numa bacia com outros visitantes, sendo que algumas das crianças guarani também participaram dessa atividade. Elas estavam muito curiosas em conhecer o *ka'i repoti*, pois ele só é feito em ocasiões especiais, não o tinham provado ainda (figura 2).

Figura 2. Coletividade de pessoas, taquaras e o milho ralado para o *ka'i repoti*. Dia 09/07/2022.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

A macaquinha *Ka'i* foi uma das grandes atrações deste dia. Ela pulava de colo em colo, de criança em criança, brincando e trazendo alegria para todos com suas peraltagens. Os cachorrinhos da aldeia também foram muito amigáveis e companheiros ao longo do dia.

Ocorria, durante aquele espaço-tempo, uma relação intensa entre pessoas guaranis e juruás, o jenipapo, os cachorros, as galinhas, os patos, a vegetação da Mata Atlântica, a mica-leão-de-cara-dourada *Ka'i* que vive livremente na aldeia, assim como o peixe tilápia e o milho que foram consumidos para o almoço. Ao lembrar esse momento, entendo como tais seres também nos afetam e mobilizam. É uma reflexão a ser amadurecida nos próximos passos da minha pesquisa. O que o milho nos ensina no ato de moê-lo em coletividade? O que a *Ka'i* nos ensina na selvagem alegria das suas peripécias e brincadeiras com as crianças? O que o jenipapo e sua tintura nos ensinam ao impregnar nas nossas peles os grafismos guaranis? (...)

Após o almoço, fomos todos participar de mais uma roda de conversa no “anfiteatro-floresta” da aldeia. Vanderlei contou a história da aldeia aos visitantes (...) A vivência na aldeia estava por se finalizar e houve um encerramento com canções guaranis e, em especial, a música e dança do tangará. Como traduzida pelo Professor Vanderlei a seguir:

TANGARA KA'ARU NHANVÔ (2X) – Tangará toda tarde
OJEROJY OJEROJY – Dança, dança
ONHEMBO JERÊ PORA (2X) – Ele gira e gira bonito
OPO OPO – Pula, pula
OGUYRO GUYRO – Se abaixa e abaixa

Cada trecho da canção é acompanhado por um movimento diferente do corpo. Todos presentes se empolgam em segui-la e realizar seus movimentos de forma sincronizada. Caminhamos juntos, nos agachamos, giramos com os braços feitos asas, pulamos e, por fim, sacudimos o corpo como os tangarás. É uma canção que traz alegria e união entre as pessoas que a acompanham (figura 3).

Figura 3. Dança do tangará. Dia 09/07/2022.



Fonte: Arquivo e edição pessoal do pesquisador.

Lembrei de uma aula de língua e cultura guarani da Professora Juliana Kerexu⁵, que explicou que os pássaros tangarás já foram pessoas em outro momento da existência deles. Eles eram os *xondaro* (guerreiros) da casa de Tupã, mas num momento pediram descanso à *Nhanderu*⁶, que transformou eles em pássaros para descansarem. Todavia, os tangarás ainda lembram da vida passada deles e aí começam a fazer suas danças sagradas (*ojerojy*) para relembrem da sua vida na morada celeste. Por isso, são aves muito sagradas para os Guarani, e há uma diversidade de canções maravilhosas sobre eles.

Terminei o dia com a sensação de que houve uma multiplicidade de conexões e bons encontros. Também fiquei sabendo que as famílias guarani venderam muito bem o seu artesanato, o que é extremamente importante para a economia local da comunidade. As pessoas convidadas para a vivência elogiaram muito o evento e a experiência como um todo. Muitas enviaram fotos de suas pinturas corporais de jenipapo que se mantiveram muitos dias após o encontro. Percebi que esses eventos são importantíssimos para a afirmação de “alianças afetivas”, que Ailton Krenak nos explica que são uma forma de apoiar a causa indígena, a qual enfrenta tantos desafios nos tempos atuais.

Esse artigo propôs um movimento inicial de reflexão a partir desses encontros com os povos indígenas. Apesar de não quisermos aqui responder de forma objetiva e simplificadora “o que a ciência Guarani Mbya ensina ao juruá”, os trechos do diário de campo indicam pistas dessas relações outras com a educação, o corpo, os seres mais que humanos e o próprio cosmos. Como colocam Wunder e Villela (2017, p.14): “desejamos uma visibilidade que seja menos *sobre* os indígenas e mais *a partir* do encontro com suas forças de expressão e de pensamento”. Com os Guarani Mbya é possível vivenciar uma relação com os seres vivos e não vivos muito além do utilitarismo. São conexões atravessadas por afetos e relações cooperativas, além de uma profunda imersão na cultura e na espiritualidade, compondo assim uma ciência outra. A ciência feita pelos Guarani, de sabedoria secular, contrasta com os moldes de uma ciência juruá, a qual muitas vezes é colonizada e colonizadora nas suas teorias e práticas.

Considerando o contexto nacional desafiador na asseguarção dos direitos indígenas, assim como a urgência da inserção dos saberes dos povos indígenas e afro-brasileiros nas escolas, assegurada pela Lei 11.645, de 10 março de 2008, é importante que professores e pesquisadores no campo de ensino de ciências sejam provocados por reflexões acerca desse tema.

Agradecimentos e apoios

Agradecemos à comunidade Guarani Mbya da *Tekoa Ara Hovy* por acolher esta pesquisa e concordar em participar dela através da assinatura de Termos de Consentimento Livre e Esclarecido.

⁵ Aula e explicação feita numa aula de língua e cultura guarani por Juliana Kerexu no dia 11/07/2022. Informações sobre o curso na seguinte página do Instagram: https://www.instagram.com/mbya_ayvu/ Acesso no dia 13/11/2022.

⁶ Entidade muito sagrada para os Guarani, responsável pela criação da Terra, que pode ser traduzida ao português como “nosso pai” (LITAIFF, 2018). Às vezes é equiparado ao deus cristão, mas não é consensual entre os guaranis essa comparação.

Referências

- ACOSTA GUARANI, A. Esta terra que pisamos é o nosso irmão. História coletada por Marcos Moreira Guarani. In: MACIEL, Ira; FREIRE, José Ribamar Bessa; MONTE, Nietta; SANTOS, Núbia Melhem. **Te mandei um passarinho...** Prosas e Versos de Índios no Brasil. Brasília: Ministério da Educação, 2007.
- ASCENSO, J. G. Alianças afetivas contra a tragédia da paisagem unívoca um olhar sobre o pensamento de Ailton Krenak. **Wirapuru: Revista Latinoamericana de Estudios de las Ideas**, n. 3, p. 78-94, 2021.
- BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Nhembo'e–Educação escolar nas aldeias Guarani. **Educação**, v. 30, n. 1, 2007.
- KRENAK, A. O movimento indígena e a Constituição de 1988 (Entrevista realizada por Marco Sávio). In: _____ (2015). **Ailton Krenak: Encontros**. COHN, Sergio (Org.), Rio de Janeiro: Azougue, 2015.
- LITAIFF, A. **Mitologia guarani: a criação e a destruição da terra**. Florianópolis: Editora UFSC, 2018.
- LADEIRA, M. I. **O caminhar sob a luz: Território mbya à beira do oceano**. Versão Online. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista – CTI, 2014.
- MEDRADO, B.; SPINK, M. J.; MÉLLO, R.P. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: SPINK, M. J. P.; BRIGAGÃO, J.; NASCIMENTO, V.; CORDEIRO, M. (Org.). **A produção de Informação na Pesquisa Social: Compartilhando Ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 273-294.
- MORAES, A.; SCHAVELZON, S.; GUARANI, J.; KEESE, L.; HOTIMSKY, M. Um levante da terra na metrópole da asfixia. **Piseagrama**, Belo Horizonte, seção Extra!, 04 fev. 2021.
- PEREIRA, V. C. Nos transformamos em brancos: notas sobre a cosmopolítica Mbya Guarani. **Revista Ñanduty**, p. 53-79, 2017.
- RUFINO, L. R.; CAMARGO, D. R.; SÁNCHEZ, C.. Educação Ambiental Desde El Sur. **Revista Sergipana De Educação Ambiental**, v. 7, n. Especial, p. 1-11, 2020.
- SCANAVACA, R. P. **Caminhos para guaranizar a educação em ciências: envolvimento e luta na terra indígena do morro dos cavalos**. Dissertação (Mestrado) do Programa de Pós-graduação em Ensino Científico e Tecnológicos/UFSC. Florianópolis, 2020. 155 p.
- VERUNSCHK, M. **O som do rugido da onça**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- WUNDER, Alik; VILLELA, Alice. (In)Visibilidades e Poéticas Indígenas na Escola: Atravessamentos imagéticos. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, **Revista Teias: Micropolítica, democracia e educação**, v.18, n. 51, Out/Dez de 2017.
- SANTOS, Lucas Keese dos. **A esquiva do xondaro: movimento e ação política entre os Guarani Mbya**. Dissertação (Mestrado) apresentada parcialmente como requisito para qualificação no Programa de Doutorado em Antropologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017. 310 f.